

Bancos conservadores na gestão do caixa para evitar prejuízos

por Ângela Bittencourt
de São Paulo

Embora afastando-se rapidamente do perfil tradicional de quem nasceu para emprestar dinheiro — fazendo a ponte entre quem tem e quem precisa dele — os grandes bancos estão adotando uma postura conservadora na administração do caixa.

Ante a perspectiva de inflação ascendente e com um horizonte cada vez mais estreito para fazer projeções, as instituições financeiras abandonaram a prática de descasamento de prazos ou moeda e reduzem significativamente o volume de captação de recursos junto aos investidores.

Há uma evidente tendência em repassar dinheiro próprio aos escassos tomadores de crédito que circulam no mercado e, ainda assim, mantendo um prazo de endividamento que, nos últimos 50 dias, foi reduzido da média de 30 para um dia.

Tomada a decisão de usar seu próprio capital para atender a clientes de porte, que apresentam risco zero, os grandes bancos não têm dúvida quanto ao indexador preferido: a Letra Financeira do Tesouro (LFT).

Executivos responsáveis pela Tesouraria em instituições de porte observam

que a preferência pela LFT justifica-se com a expectativa de que sua remuneração — refletida nas operações "overnight" no mercado aberto — tende a superar a inflação. Mesmo que, historicamente, durante longos períodos de tempo esta expectativa não se confirme, na prática ela funciona em prazos curtos. Por exemplo: neste ano, em sete meses, a remuneração da LFT fica empatada com a inflação. No entanto, no mês de março e abril, logo após o Plano Verão, essa taxa superou 13% ao mês em termos reais.

FALTAM TOMADORES

O fato de as operações financeiras estarem concentradas no curto prazo dificulta a disposição dos bancos em repassar dinheiro garantindo sua correção pelo título federal. Isto ocorre, na medida em que os tomadores, tão bem informados quanto os bancos, resistem a tomar recursos comprometendo-se a arcar com esse indexador marginal.

Na falta de tomadores privados, os bancos não rejeitam as próprias LFT que são vendidas semanalmente pelo Banco Central em leilões primários e que garantem a rolagem da dívida pública mobiliária.

Algumas instituições, mais relutantes, contudo, e que possuem determinações explícitas da diretoria

executiva para reduzir o risco governo, troca este risco pelo setor privado. Não são raros os casos, nos últimos meses, de empresas de primeira linha que conseguem obter empréstimos por um dia ("hot money") arcando com taxas de juros inferiores à média observada nas operações interbancárias em cruzados.

Também o interbancário, onde volume expressivo de negócios está concentrado no curtíssimo prazo, é uma alternativa para que os bancos possam livrar-se de seu dinheiro com a garantia de que no dia seguinte ele estará disponível.

DÚVIDA COM O PRÉCIO DO DINHEIRO

A divisão financeira ou de gestão de caixa de grandes bancos e empresas enfrenta, atualmente, uma dificuldade pouco comum e que nos últimos anos não chegou a ser observada com tanta intensidade: existem muitas dúvidas quanto ao preço do dinheiro. "É praticamente impossível prever o que é barato ou caro", explica o diretor de banco estrangeiro com forte presença no Brasil.

Segundo ele, juro de 4.000% ao ano, que aparentemente é um absurdo, pode ser considerado barato se convertido para taxa "overnight". Neste caso ele seria equivalente a um "o-

ver" acumulado de 41% ao mês. Nada absurdo, levando em conta que o próprio Banco Central conduzia a taxa básica de juros da economia neste nível há poucos dias. Simulações semelhantes podem valer também para uma taxa de crédito de 45% ao ano mais a variação do BTN fiscal ou de 1% ao ano acima da variação da LFT.

Essa dificuldade em identificar o efetivo custo do dinheiro surge da incapacidade de avaliar a escalada dos preços. O mês de julho, por exemplo, é considerado um exemplo precioso. Logo no início do mês, o mercado — completamente desencontrado e assustado com o salto do IPC de 9% em maio para 25% em junho — estimava o índice de julho entre 25 e 35%.

DISPARIDADE

Praticamente durante vinte dias as opiniões revelavam disparidade gritante e apenas nos últimos dez dias do mês as projeções registravam um ponto de convergência em algum lugar abaixo, mas próximo de 30%, que acabou sendo confirmado. O IPC de julho ficou em 28,76%.

Para agosto, o mercado futuro de BTN, negociado na Bolsa Mercantil & de Futuros (BM&F), já chegou a indicar perspectiva inflacionária de 36%, descendo a cerca de 31% no final da semana passada.